

Eurico Penteado



Inflação, recessão, altas taxas de juro, estagflação, desemprego, endividamento, emissões,

PIB negativo, subsídios, balanço de pagamentos, captação de recursos, reservas internacionais — tais são alguns (apenas alguns) dos pesadelos que atribulam e mistificam os brasileiros dos dias que correm, exceto a classe dos bilionários (não muito numerosa, mas altamente representativa) e a dos mordomistas, numerosíssima, em franca expansão e (pelo menos até agora) positivamente inatingível.

Já por mais de uma vez observamos que o Brasil realiza no mundo atual o paradoxo de ser um país onde há culpas (e as há a mancheias), mas onde não há culpados, o país dos inocentes, ou a terra da impunidade. E como a impunidade é mãe da reincidência, o prognóstico é sombrio.

Dizia o padre Vieira, em um de seus sermões: "Não é miserável a república onde há delitos, senão onde falta o castigo deles". No Brasil, entretanto, sobejam os delitos, mas não há delinquentes. Funesto presságio, ou "malum signum", como diziam os antigos.

Tudo isso, para os pessimistas e derrotistas (seja nos relevado o pleonismo), parece indicar que o nosso país está "à beira do abismo". Felizmente, segundo a velha frase de Oswaldo Aranha, "o Brasil é grande demais para qualquer abismo". E, se não cabemos em nenhum deles, em nenhum deles poderemos cair.

E os indícios de que começamos a reagir — a despeito de nossa deprimente ineficiência administrativa, mais culpada de nossas dificuldades do que a chantagem da OPEP — são evidentes. A inflação, que, se-

gundo declarações do superministro do Planejamento em 1979, não passaria de 45%, chegou a 77,2% nesse ano, a 110,2% em 1980 e a 121,2% em 31 de março deste ano — mas agora começou a declinar e já dá esperanças de que, ao final deste ano, se aproxime da ignominiosa (mas para nós auspiciosa) taxa de 90%.

O valor de nossa exportação de café, que por tantos anos foi o alicerce de nossa economia e que ainda em 1952, com US\$ 1 bilhão, representava 73,7% do valor total de nossas exportações, em 1981, com cerca de US\$ 2 bilhões, deverá representar apenas 8,7% daquele valor.

Esse fato não indica, como pretendem alguns comentadores desinformados, "a decadência do café", porém mostra que, ao lado da

pujança de nosso veterano "ouro verde", soubemos criar outras fontes de exportação, nenhuma das quais, em valor, sobrepuja o café, mas que todas, somadas, de longe o ultrapassam. (Talvez o valor da exportação da soja no ano em curso — grão, farelo e óleo — supere ligeiramente o da exportação de café, mas isso não indica decadência comercial deste produto, mas sim a crescente diversificação de nossas culturas, o que é altamente auspicioso.)

Por outro lado, a recuperação de nosso balanço de comércio, que este ano interrompe, com um superávit que talvez ascenda a US\$ 1 bilhão, uma longa série de ominosos saldos negativos, constitui outro motivo de otimismo, pois mostra cla-

ramente que estamos no caminho da recuperação econômica.

E até parece (parafraseando uma velha piada) que "o Brasil progrida à noite, enquanto seus administradores dormem". E quem dorme não atrapa-lha...

Tudo indica, porém, que continuaremos a progredir. Não, talvez, porque os administradores passem a estorvar menos, mas porque os demais brasileiros provavelmente vão trabalhar mais.

No âmbito internacional, a situação econômica parece complexa e confusa, muito complexa e bastante confusa, o que lhe faz caber com muita propriedade o adjetivo inglês "perplexing" — ou o nosso "desconcertante".

Na União Soviética, por exemplo, há grande escassez de cereais, após mais uma desastrosa colheita. Os Estados Unidos, onde nunca houve escassez de cereais (ou de qualquer outro produto), acabam de colher ou estão colhendo uma de suas maiores safras de todos os tempos.

Assim — segundo informa a publicação londrina "Commodities Report" (9 do corrente) —, a URSS propõe-se a comprar dos Estados Unidos, em 1981/82 (outubro a setembro), nada menos de 18 milhões de toneladas de cereais, ou seja, 10 milhões de toneladas além dos 8 milhões contratados há alguns anos.

Talvez esses repetidos malogros da agricultura soviética, e suas decorrências, o baixo padrão de vida

e o visível descontentamento da população, expliquem a "leniência" com que o Cremlin vem suportando as "impertinências" dos sindicatos poloneses, algo que destoia chocantemente da brutalidade tradicional do comunismo soviético, já anteriormente evidenciada na própria Polónia, bem como na Hungria, na Checoslováquia, no Afeganistão e alhures.

Para um indivíduo, quando os problemas são muitos e de difícil solução, é de boa política ser tolerante, para não criar outros nem agravar os existentes. Para um governo, porém, há outra possibilidade — e essa altamente perigosa: provocar um conflito externo, para tentar a "União Nacional"... Que os fados nos preservem dessa alternativa.